# MEMÓRIAS
DA
# ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
# LISBOA

## CLASSE DE LETRAS

TOMO XLI

---

# Orlando Ribeiro e os estudos urbanos de geografia

TERESA BARATA-SALGUEIRO

---

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2020

# Orlando Ribeiro e os estudos urbanos de geografia

Teresa Barata-Salgueiro

**Resumo**

Prestando homenagem a Orlando Ribeiro no centenário do seu nascimento, faz-se uma breve retrospectiva do desenvolvimento dos estudos urbanos de Geografia em Portugal até aos anos 80, depois analisam-se os temas privilegiados por Orlando Ribeiro nos estudos sobre cidades, bem como o método que aplicou. O texto termina com um enunciado dos aspectos que constituem o seu maior legado para o conhecimento das cidades portuguesas, tanto as do continente como as que foram fundadas noutros continentes, principalmente no Brasil e em África.

**Abstract**

Paying tribute to Orlando Ribeiro on the centenary of his birth, a brief retrospective of the development of urban studies of geography in Portugal until the 1980s is presented. Then I analyze the topics covered by Orlando Ribeiro in his studies about cities, as well as the method he applied. The text ends with a statement of what constitutes his greatest legacy to the knowledge of Portuguese cities, both in Europe and those founded in other continents, mainly in Brazil and Africa.

**Palavras-chave**: cidades portuguesas; possibilismo; influências.

**Keywords**: Portuguese cities; possibilism; influences abroad.

Na sequência da publicação do RJIES (Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior, Lei n.º 62 de 10 de Setembro de 2007) e da reestruturação estatutária das universidades que determinou, foi criado, em 2009, na Universidade de Lisboa o IGOT, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, que começou a funcionar como unidade autónoma de ensino e investigação em Janeiro de 2010. A criação do IGOT representa mais um passo na afirmação da Geografia e

da consciência, na Universidade de Lisboa, da relevância dos estudos sobre o território que Orlando Ribeiro tanto promoveu. Deste modo, o IGOT vem na continuidade do trabalho desenvolvido por Orlando Ribeiro e é também um produto, embora indirecto, da sua actividade. Sendo directora do IGOT neste ano do centenário do nascimento de Orlando Ribeiro, esta comunicação é também uma forma de lhe prestar homenagem nesta casa que o ilustre geógrafo prestigiou.

Orlando Ribeiro foi o grande impulsionador dos estudos de Geografia na Universidade de Lisboa e no país, não apenas pela dimensão e qualidade da investigação desenvolvida no CEGL (Centro de Estudos Geográficos de Lisboa), que fundou em 1943, e nas suas publicações cujos leitores ultrapassam muitíssimo os especialistas, mas também pelo ensino na secção, depois departamento, de Geografia alojada na Faculdade de Letras até há poucos anos.

Não me proponho fazer uma análise da vastíssima e variada obra de Orlando Ribeiro, que outros farão bem melhor do que eu seria capaz, mas apenas alinhar umas notas sobre uma parte da sua obra, a que vai mais directamente ao encontro dos meus interesses científicos, a Geografia Urbana. Depois de uma breve retrospectiva sobre o desenvolvimento dos estudos feitos por geógrafos sobre cidades em Portugal, vou debruçar-me sobre o contributo de Orlando Ribeiro. Abordo primeiro os temas que privilegiou nos estudos sobre cidades e depois o método que aplicou, com recurso a numerosas citações ilustrativas, procurando destacar, por fim, aqueles aspectos que se podem considerar como o seu maior legado para o conhecimento das cidades portuguesas e ibéricas, tanto as peninsulares como as que foram fundadas ou sofreram fortes influências noutros continentes, principalmente no Brasil e em África.

## 1. A CIDADE NAS PREOCUPAÇÕES DOS GEÓGRAFOS PORTUGUESES. PARADIGMAS E INFLUÊNCIAS

O interesse pela Geografia Urbana em Portugal é precoce, pois vem desde os primeiros tempos da institucionalização da Geografia universitária, mas manteve-se escasso e com carácter parcelar até meados dos anos 60. Amorim Girão, um dos primeiros formados em ciências histórico-geográficas, no ano letivo de

1915-16, em Coimbra, apresentou concurso para professor da sua faculdade em 1925, com o que é considerado o primeiro trabalho de geografia sobre uma cidade em Portugal, *Viseu. Estudo de uma aglomeração urbana*. Em Lisboa, Luís Schwalbach, sucessor da Silva Telas na cátedra, apresentou uma comunicação sobre a fisionomia geográfica de Lisboa no Congresso Internacional de Geografia de Varsóvia, em 1934. Pouco depois, Mendes Correia, na Universidade do Porto, escreveu um texto sobre as antiguidades do Porto (1936) e, dois anos volvidos, Orlando Ribeiro publicou, em França, uma nota sobre o sítio e o crescimento de Lisboa (1938). Em todas estas obras os factos históricos tinham grande peso (Garcia, 1992).

Nos anos 40, Orlando Ribeiro e Amorim Girão preocuparam-se com os critérios de identificação de cidades; estes professores e os poucos investigadores dos centros que dirigiam continuaram a estudar alguns aspectos dos aglomerados urbanos, pesquisas que terão continuidade principalmente em trabalhos escolares de fim de curso, segundo um modelo de monografia regional da escola francesa de Geografia, com valor muito desigual. De modo que foi possível a Daveau (1989, 877) constatar que "o conhecimento das cidades portuguesas continuava incipiente e muito lacunar, ainda em 1955, sendo só quase quinze anos mais tarde que os estudos de Geografia Urbana se vão verdadeiramente multiplicar e sistematizar em Portugal".

De facto, foi só a partir da segunda metade dos anos 60 que se assistiu ao aumento expressivo dos trabalhos sobre temas urbanos, cobrindo pequenas e grandes cidades do continente, ilhas, e África, uns ainda essencialmente com caráter monográfico, em que se procuram destacar o crescimento dos aglomerados em relação com as condições do respectivo sítio e, principalmente, com as vicissitudes da História, mas progressivamente mais libertos daquele modelo e explorando aspectos novos que assumem peso crescente, em detrimento do quadro físico que tende a desaparecer ou ficar reduzido às condições do sítio; mesmo as referências à História perdem importância (Gaspar e Ferrão, 1980). Nestes estudos que marcam uma transição paradigmática, privilegiavam-se análises morfo-funcionais, problemas da organização do espaço, o estudo das 'funções' e a expansão suburbana, no quadro do que então se chamava 'geografia activa' ou 'geografia aplicada'. As preocupações com os problemas da organização do espaço levaram à pesquisa sobre os processos e os actores, à necessidade de

conhecer para agir já nítida no mundo anglo-saxónico depois da guerra e em França, com a denúncia dos desequilíbrios territoriais, a macrocefalia e a necessidade do planeamento territorial. Em Portugal, as influências vieram de autores franceses, norte-americanos e ingleses. Nos primeiros recorde-se G. Chabot, J. Beaujeu-Garnier, J. Labasse, E. Juillard, P. George, M. Phillipponeau, M. Rochefort, entre outros. Na difusão em Lisboa da perspectiva 'funcionalista' merecem destaque as então jovens assistentes Maria Alfreda Cruz e Isabel Medeiros, para além de Raquel Soeiro de Brito.

Embora em Coimbra e no Porto os estudos de Geografia Urbana só tenham ganho vigor mais tarde, tanto Pereira de Oliveira (2003) como Rebelo (2003) destacam como característica desta fase a perspectiva da aplicabilidade dos saberes geográficos. A Geografia Aplicada entrou como cadeira obrigatória na reforma de 1957 e desde finais dos anos 60 geógrafos colaboraram com instituições públicas e privadas em trabalhos de aplicação e planeamento. Nos anos 70, alguns jovens de Lisboa aproveitaram mesmo essa experiência para a elaboração das respectivas dissertações de licenciatura.

Quanto às influências anglo-saxónicas, em 1968, Ilídio do Amaral apresentou no concurso para Professor Extraordinário um trabalho sobre Luanda, cidade que já tinha sido objecto da sua tese de licenciatura, em 1956, considerado bastante inovador. Neste trabalho e depois noutras obras que publicou sobre temas urbanos é nítida uma visão mais estruturalista com influência do neopositivismo de autores de língua inglesa e norte-americana. Paralelamente, desde 1968, Jorge Gaspar, que estudara em Lund e era sensível à importância da Geografia no planeamento do território e às novas perspectivas de análise, enceta um trabalho renovador dos estudos urbanos e regionais na senda do que se chamava 'nova geografia' que se veio a impôr progressivamente.

Desde o final dos anos 60, verificou-se um aumento progressivo do número de estudantes e colaboradores nos centros, alargaram-se os temas de investigação e as publicações sobre temas urbanos. No quadro de novas influências paradigmáticas (Geografia Aplicada, Nova Geografia), encontram-se trabalhos sobre os sistemas urbanos, análises funcionais e de organização socioespacial a diferentes escalas, com recurso a métodos quantitativos e verificação de hipóteses derivadas de modelos que adquirem continuidade e permitem falar de uma Geografia Urbana polifacetada, tanto pelo objecto como pela metodologia, em Lisboa. A

este aumento não foi estranho, por um lado, o reforço da institucionalização, marcado pela criação da revista do CEGL, *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, em 1966 e a reestruturação do Centro com uma organização por projectos, depois Linhas ou Áreas de Investigação; o projecto 'Estudos de Geografia Urbana' teve início em 1971 sob direcção do Professor Ilídio do Amaral. Por outro lado, foram importantes a crescente urbanização e consequentes transformações do território nas maiores cidades onde se acumulavam problemas de habitação e transportes e, por fim, a transição teórico-metodológica referida e a maior disponibilidade de dados estatísticos e cartográficos.

Nos anos 70, com a constatação das limitações da 'nova Geografia' face aos novos desafios epistemológicos, começaram a ganhar importância as perspectivas críticas com influências do marxismo e da economia política na explicação da ocupação e produção dos territórios, com influências de M.Castells, D. Harvey, H. Lefebvre, Lipietz, E. Soja e, mais tarde, R. Peet ou Neil Smith, em paralelo com a 'redescoberta' da Geografia Cultural impulsionada por P. Claval. Ao contrário das tendências referidas e, apesar de algumas experiências, os estudos chamados comportamentais e sobre a percepção não assumiram grande relevo nem continuidade na Geografia Humana portuguesa; o mesmo se poderá dizer da perspectiva humanista.

Surgiram depois novos cursos de Geografia ou Geografia e Planeamento, aumentou o ensino de Geografia noutros cursos de universidades e institutos politécnicos. O número de geógrafos, de investigadores e de publicações, cada vez mais em língua estrangeira, cresceu enormemente e torna-se bem mais difícil dar conta da actual produção e suas cambiantes.

## 2. OS ESTUDOS URBANOS DE ORLANDO RIBEIRO

Orlando Ribeiro estudou vários aspectos da superfície terrestre, tanto os que são objecto da Geografia Física como da Geografia Humana, designadamente temas urbanos que aliás constituem um grosso volume dos *Opúsculos Geográficos*[1]. Este volume, publicado em 1994, reúne 38 textos dispersos por várias

[1] Vol V, 1994, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 557 págs.

publicações, nalguns casos com alterações introduzidas depois da edição primitiva, e outros inéditos. Trata-se de artigos, apontamentos e notas alinhadas com a intenção de lhe dar um desenvolvimento posterior. Todas as citações feitas neste artigo referem-se aos textos publicados nesse volume, indicando entre parêntesis a respectiva página e devidamente identificados nas referências bibliográficas finais, excepto quando claramente expresso que se trata de outra obra.

Com excepção de alguns textos de carácter metodológico, os estudos de Geografia Urbana de Orlando Ribeiro referem-se a cidades concretas. Lisboa, Viseu, Évora e Toledo são privilegiadas, não obstante muitos exemplos de outras cidades e vilas portuguesas ou de influência portuguesa. Fora do Portugal, abundam as referências a cidades de Espanha, do Brasil e do México, a Goa, Luanda e ao Mindelo em Cabo Verde. Não produziu nenhuma monografia sobre uma cidade concreta, mas escreveu artigos ou notas sobre os aspectos mais marcantes que observou e que lhe serviram para identificar traços comuns a conjuntos de cidades. Deste modo, pôde sintetizar as principais características do povoamento e das cidades portuguesas que ainda hoje impressionam pela sua acuidade. Passeando por algumas povoações, especialmente pelos bairros antigos (ou pré-modernismo) lá encontramos as praças múltiplas, o sítio alcandorado, o crescimento em direcção ao 'caminho' diverso consoante a época e a respectiva técnica do meio de deslocação: a linha de água, a estrada de ligação à capital, o caminho de ferro, a nova estrada de ligação.

Formado e praticante da Geografia Regional possibilista que tem nas áreas rurais as unidades de análise fundamentais e, para a qual, tanto a organização do espaço agrário como o povoamento são resultado de um processo de evolução lento, ao longo do qual os grupos humanos moldam uma paisagem que se torna assim distinta da observável, Orlando Ribeiro produziu também alguns ensaios críticos sobre as novas correntes e aplicação de modelos na Geografia.

Observador muito dotado, de espírito humanista, cultivando uma visão integradora com forte componente cultural foi sensível às diferenças culturais que encontrou em numerosos sítios que visitou podendo dizer-se que o "encontro de culturas" foi um tema marcante na obra de Orlando Ribeiro em que "as cidades passarão a constituir uma das pedras de toque para aferir da validade das ideias e reflexões sobre esses outros mundos de colonização" (Garcia, 1992,108).

## Temas privilegiados

Em Orlando Ribeiro a cidade é vista por oposição ao campo, não apenas em termos de densidade e de complexidade funcional, mas também pelo ritmo e alcance das mudanças, pois a cidade "distingue-se das aglomerações rurais não apenas pelo número de habitantes, mas pela complexidade das suas funções" (50), é "uma forma de civilização moderna que contrasta (…) com a imobilidade rotineira das velhas civilizações rurais" (46), sublinhado meu.

Orlando Ribeiro estudou principalmente as características do sítio e da posição das cidades, as quais influenciavam o desenvolvimento posterior da aglomeração, em articulação com a História que assume sempre grande papel na explicação. É sensível a alguns elementos da morfologia urbana com destaque para a planta, o traçado viário e o aspecto das construções. Pela aplicação do método comparativo identifica aquilo a que chama "ar de família" entre cidades, por vezes distantes.

O sítio, lugar de assentamento da povoação original, é produto do relevo, com frequência influenciando depois a forma e o desenvolvimento da cidade, bem como a sua relação com o campo envolvente. Isso é bem evidenciado no caso de Lisboa, que cresceu em Y pelos vales que convergem na Baixa e não em mancha de óleo, e nas cidades alcandoradas com plantas de geometrismo irregular e recurso a ladeiras íngremes e degraus para vencer os fortes declives. Numa atitude determinista matizada por elementos do que se chamou possibilismo, Orlando Ribeiro afirma que "foi o relevo, foi a oposição de modos de vida, que determinaram, (...) o rasgamento das duas avenidas e a fixação das linhas de trânsito mais importantes da cidade [Lisboa] actual" (68).

As características morfológicas do sítio combinadas com as necessidades de comunicação revelam-se na dualidade que o crescimento urbano impôs à maior parte das cidades alcandoradas: "A esta sorte de cristalização em torno de um sítio genético e à expansão ulterior pelo fundo dos vales, solicitada pelas comunicações terrestres e marítimas, se deve a separação (às vezes oposição) entre a parte alta e a parte baixa de algumas cidades (…), a primeira residencial, a última comercial" (517), ou ainda "Solicitada em sentido contrário pela defesa e pela navegação, a cidade [Lisboa] desdobra-se em *alta* e *baixa*, em acrópole e porto. Salvador e Luanda, por influência da tradição portuguesa tanto como por

convergência histórica, reproduzem, tão longe da origem, o mesmo modelo" (507).

É ainda às diferenças da topografia e da geologia de Lisboa, entre fundos de vales férteis e planaltos e encostas de solos magros, que atribui a importante penetração de características rurais na cidade antiga, pois "Pelo fundo dos vales, em boas terras de aluvião, a vida campestre insinuava-se entre as alturas povoadas" (93) e "Duas condições naturais – dois destinos. No alto dos montes, à sombra dos conventos e igrejas paroquiais, aglutinou-se uma população consagrada aos mesteres urbanos: no recôncavo dos vales – agricultura e vida rural" (65).

Mergulhando na História longa e com base nas características morfológicas, Orlando Ribeiro define um tipo de sítio que combina "as vantagens de uma colina fragosa com um recesso do litoral" (507) cuja presença em Lisboa permite classificar esta cidade como a última cidade mediterrânea, "de um tipo que todas as colonizações marítimas que precederam a organização do mundo romano reproduziram" (507).

Intimamente associado ao sítio aparecem referências à posição da cidade, a sua localização à escala regional, traduzida em facilidade de relações com territórios mais ou menos distantes, desde o *hinterland* agrário e do porto às trocas com lugares afastados, propiciadas pelo comércio marítimo ou fluvial. Na Geografia francesa clássica encontra-se uma relação entre a posição das cidades e a sua razão de ser, a sua 'função' (Chabot, 1948), pois é a função que se pretende para a cidade que deve comandar a escolha da localização.

O destino das cidades está intimamente relacionado com as comunicações, porque as cidades são entrepostos e centros de trocas que atraem povoadores, comerciantes e visitantes, distribuem bens e prestam serviços a populações e actividades dos territórios que servem. Excepto em casos pontuais, em que a determinante militar é preponderante, a maior parte das cidades é criada, surge e cresce em função da vida de relação e da troca, localizando-se, portanto, junto dos portos ou em pontos de encruzilhada de caminhos (Barata-Salgueiro, 1992). Deste modo não admira que "Das inúmeras povoações que (…) coroavam os montes, transformaram-se em cidades as que juntavam às vantagens defensivas do sítio uma posição que dominasse as vias de trânsito. A proximidade de um rio reforça a protecção e assegura, ao longo do vale, a convergência de caminhos.

Tal é a origem das três principais cidades portuguesas e de Toledo" (516) e ainda "A posição de Lisboa explica o seu destino: (...) próxima do Mediterrâneo, do Mar do Norte e da África Ocidental, olhando a América, Lisboa oferece o acesso fácil do seu imenso estuário aos barcos de todos os países que, navegando em todos os sentidos ao mar vizinho, transportam, desde o século XVI, produtos de todos os climas" (37) [tradução minha].

A facilidade de comunicações assegura às cidades fortuna e crescimento. No caso do Alentejo e de Trás-os-Montes também o "enraizamento no campo que as rodeia, que organizaram e donde tiram a principal fonte de prosperidade" (253). Por isso, as condições adversas da posição fazem de Miranda do Douro "erguida a cavaleiro do entalhe do rio, como sentinela da fronteira (...) uma cidade inviável (…) falha de capacidade de atracção e porque lhe faltou o estímulo de uma vida rural mais diferenciada" (254).

Nos elementos da morfologia urbana, Orlando Ribeiro dedica algumas considerações às características da planta e dos edifícios, mas estuda principalmente os espaços livres, as ruas e praças. Embora pareça, por vezes, duvidar da existência de uma verdadeira 'cidade portuguesa', considera características do modelo de cidade portuguesa as praças múltiplas, por contraste com a cidades espanhola de planta mais regular em torno da Plaza Mayor. Efectivamente, nas cidades portuguesas encontra uma série de pequenas praças, por vezes simples alargamento no espaço de circulação, como a Praça da Sé, a Praça da Ribeira, a Praça da Erva, as praças junto das portas da muralha e, principalmente, o Rossio. O Rossio é um "lugar vago amplo e excêntrico onde se fazem feiras e mercados e entram em contacto dois estilos de vida" (91), "praça excêntrica às portas da urbe (…) onde se fazem as trocas entre os dois mundos: os mesteirais vendem os seus artefactos e os camponeses gado e produtos agrícolas que abastecem a cidade.(…) algumas, por desenvolvimento ulterior, foram urbanizadas e incluídas no espaço urbano" (66 e 374).

Quanto às ruas, Orlando Ribeiro estudou ao pormenor a Rua Direita de Viseu e dá conta deste topónimo em vias com características idênticas em muitas outras povoações, incluindo nas "cidades fundadas pelos portugueses, desde os Açores a Angola e do Brasil a Macau" (373), às vezes mesmo várias ruas Direitas de bairro, como em Lisboa onde se contavam 19 em 1551 (371). A *Rua Direita* é um "eixo de circulação e principal localização do comércio de retalho, que atravessa

os centros vitais da cidade e conduz a um dos rossios desenvolvidos sempre fora das muralhas" (527). Ao contrário do que o nome parece indiciar, no geral é tortuosa; já Leite de Vasconcellos, a propósito da Rua Direita de Chaves, esclarecera que "*direita* não significa 'em linha recta', significa 'central', isto é, que vai direita de um extremo ao outro" (195).

## O Método

Orlando Ribeiro chegou a propor uma classificação das ciências[2], embora por razões de ordem prática, como esclarece, em que opunha as "ciências (…), apoiadas na observação ou na observação e na experiência que exigem um rigoroso cuidado na medida, e são ciências do aparelho, por um lado e da expressão matemática, às Ciências da Terra e Ciências da Vida que (…) continuam e têm de continuar a aplicar a simples observação qualitativa, identificar diferenças nem sempre mensuráveis e que, portanto, são insusceptíveis de expressão matemática. A Geografia é uma delas".

Em termos de método, Orlando Ribeiro privilegia a observação sempre presente nos estudos de Geografia, e que tem grande destaque nas metodologias qualitativas. Estas usam também entrevistas em profundidade, ferramenta que aplicava quase espontaneamente, seguindo a tradição da Etnografia, nos estudos sobre o mundo rural, mas que raramente cita como fonte nos textos sobre cidades, embora num caso ou noutro, como no caso da área de influência dos armazenistas de Viseu, se perceba que foi essa a origem da informação.

Fazendo parte da observação ou sucedendo-lhe como etapa no método adoptado, encontra-se uma descrição pormenorizada e minuciosa. "O ponto de partida do geógrafo é sempre a *observação*, e a *descrição* deve preceder as aproximações complexas e a subtil ponderação de relações que poderão abrir caminho à *interpretação*" (170). Nesta frase encontram-se sinteticamente as três etapas do método indutivo tal como Orlando Ribeiro o praticava: observação de casos, descrição minuciosa ao serviço da interpretação, com identificação dos elementos constituintes e dos factores a ponderar num quadro complexo de inter-relações. De

[2] *Variações sobre Temas de Ciência*, 1970, Lisboa, Sá da Costa, p.178.

facto, a ciência em Orlando Ribeiro visa compreender os fenómenos com recurso à "complexidade" das influências que actuam no mesmo território ao longo do tempo, umas vezes reforçando-se nos seus efeitos, outras vezes actuando em sentidos opostos.

A construção da explicação, ou melhor, da interpretação ou compreensão dos fenómenos estudados, faz-se com o recurso à História e ao método comparativo, em consonância com os estudos urbanos de dominante morfológica que se sucederam à obra de Pierre Lavedan de 1936. Em Lavedan e outros autores da corrente morfológica em Geografia Urbana, a História é usada para contrariar as explicações baseadas no puro determinismo físico, pois "a História da evolução urbana, como a das civilizações, é a história de uma libertação progressiva: a natureza cede continuamente lugar à arte (…) ou o natural ao artificial" (em Barata-Salgueiro, 1985, 111). Alguns traços do "fatalismo geográfico"[3] de Ratzel e Blanchard, para quem são as condições geográficas do sítio que comandam o desenvolvimento da cidade, aparecem temperados pela acção humana tão cara ao possibilismo, por meio da referência aos modos de vida e, sobretudo, pela importância concedida à História e aos dados da civilização na explicação. O foco na análise morfológica, aliado à sua formação em História e Geografia, a sensibilidade aos localismos e à interpenetração dos factores naturais e de civilização, ajuda, pois, a compreender a importância que Orlando Ribeiro atribui à História: "uma cidade é sempre um produto da História" (71), embora diga que "As urbes continuam a assentar numa conjunção feliz de condições naturais e de antigas relações de posição" (177). O próprio sítio, talvez o elemento da morfologia que mais o tocou e ao qual dedica mais páginas, explica-se "pela Natureza e pela História" (525).

Sendo a comparação "a alma da Geografia" (316), naturalmente que a Geografia Urbana "encontra na comparação o principal caminho da interpretação e da síntese" (236). A comparação tem por base a multiplicação das observações, dos casos de estudo. Orlando Ribeiro parte de casos de estudo para depois os agrupar, definindo assim tipos ou classes; no caso das cidades, associá-las naquilo a que chama de famílias, porque identifica nas várias cidades que estudou um "ar de família", semelhanças com outras, por vezes geograficamente distantes.

[3] Expressão usada por P. Lavedan para o determinismo físico-natural.

Apesar da valorização do que é único e singular em cada cidade e que faz a sua especificidade, Orlando Ribeiro procura os elementos comuns, as semelhanças responsáveis precisamente por esse "ar de família", que é "tão fácil de captar como difícil de exprimir, no traçado de conjunto, no aspecto das ruas e das praças, no comportamento aparente dos habitantes" (177).

As 'famílias de cidades' não são a cidade helenística, medieval, barroca ou industrial de Mumford (1961), nem as "séries de cidades" (da Europa Ocidental, dos territórios de expansão europeia, socialistas) de P. George (1952), pois Orlando Ribeiro identifica as semelhanças, antes de mais, nas cidades alcandoradas do Mediterrâneo, unidas por um sítio que combina a acrópole e o porto, da Ásia Menor ao litoral do Brasil, oferece-nos uma caracterização de tipos regionais de cidades, em Trás-os-Montes, nas "cidades do Noroeste ou do Alentejo, da influência do estilo urbano do Porto, da herança muçulmana ou da planta regular das fundações intencionais" (177), mas desenvolve principalmente a questão das cidade ibéricas e da diferença entre as cidades de origem portuguesa e espanhola na América.

Considerando a cidade como a "expressão mais evidente de certas civilizações que, ao expandirem-se, levaram consigo este (…) instrumento de domínio e, em ambientes diversos, implantaram aglomerações que exprimem os respectivos ideais urbanos" (177), Orlando Ribeiro sublinha que "A oposição tão marcada na península, entre as aglomerações espanholas e portuguesas, foi transportada para a América. Cada povo afirma a sua fisionomia própria que tem na cidade a expressão mais elevada e mais evidente" (529) e continua "A colonização espanhola multiplicou na América a cidade regularmente quadriculada em torno da Plaza Mayor, prestigiosa pelos monumentos e funções, como a colonização portuguesa criou no Brasil cidades de praças múltiplas e de contornos diluídos, atravessadas por uma Rua Direita, que é o seu principal eixo de circulação e de comércio" (177).

A importância que atribui à História, à civilização e à comparação na identificação destas 'famílias de cidades' é tão forte que, em 1969, nota que "depois do trabalho de base de umas quantas monografias (ou biografias) urbanas, é mais significativo e mais geográfico o estudo de redes ou de famílias de cidades" (177) talvez mesmo mais do que a monografia de cidades isoladas, a qual decorria naturalmente da sua vinculação com a Geografia Regional.

Orlando Ribeiro seguiu atentamente a mudança de paradigma dos anos 60 e reagiu com dois textos de caracter metodológico, publicados em 1968 e 1969, onde defendia o caracter único de cada cidade e o método que aplicava (empirismo com base na indução) para reafirmar os seus princípios de análise da realidade, em função da interdependência dos factores presentes num lugar, e reconhecer a dificuldade (impossibilidade?) da Geografia Urbana integrar o particular no geral porque "a Geografia urbana depara sempre com muito maior variedade nos ingredientes que se combinam para dar às cidades, ao mesmo tempo, personalidade e ar de família" (178), ou seja, reconhece a impossibilidade de se integrarem as novas perspectivas na visão possibilista que representava (Gaspar e Ferrão 1980).

Numa crítica aos termos então, recentemente introduzidos de regiões funcionais, nodais, polarizadas, ou outras defende que "são coisas de natureza intrinsecamente diversa, à qual se me afigura inconveniente estender o conceito de região"[4], e prossegue que até "na América a *paisagem* é, em muitos casos, *um produto da História,* um resultado do tempo, através do longo ajustamento do homem por meio dos instrumentos de civilização de que dispõe, a uma ambiência natural… que se transforma em ambiência geográfica, combinação harmoniosa de elementos naturais e humanos. É nesse sentido que considero as regiões como *formas tradicionais da paisagem*. Enquanto elas não forem destruídas, parece-me lícito que continue a constituir, não uma *curiosidade*, mas uma *preocupação* essencial do geógrafo"[5], a questão é que destruídas ou construídas *ex-novo* por determinações de raiz essencialmente financeira e global, muitos bairros ou cidades dificilmente se poderiam continuar a encaixar neste modelo.

## 3. LEGADO DE ORLANDO RIBEIRO PARA O CONHECIMENTO DAS CIDADES

Os artigos que compõem o volume que usei como fonte principal neste texto estendem-se por cerca de meio século, tendo o primeiro sido escrito em 1935, embora conservado inédito até 1994, enquanto o primeiro artigo publicado data

[4] "Região e Rede Urbana: Formas tradicionais e estruturas novas", Vol I dos *Opúsculos, Síntese e Método*, Lisboa,1979, p. 383.

[5] Id., ibid., p 384.

de 1938 e o último de 1988. As cidades e a Geografia mudaram muito nesse período; Orlando Ribeiro foi sensível a essa mudança e teve a inteligência de impulsionar os jovens discípulos a procurar novos caminhos de interpretação, sem deixar de reagir aos desafios colocados por estes discípulos com os quais, não raras vezes, entrou em polémica.

Orlando Ribeiro analisou as cidades, principalmente, de Portugal, de Espanha e aquelas que revelam fortes influências ibéricas numa perspectiva morfológica e possibilista tal como eram praticadas na primeira metade do século XX, dando muita importância à História e à cultura na explicação. Depois outros olhares se detiveram na compreensão das cidades, traduzindo diferentes perspectivas e procurando resposta para outras interrogações. É importante reconhecer o contributo que todos deixam na compreensão de um fenómeno de grande complexidade, porque esses estudos constituem o lastro para o avanço do conhecimento de uma realidade que, como outros produtos da acção social, está em permanente mudança.

Assim, no remate deste texto, vou enunciar muito sucintamente o que, do meu ponto de vista, as páginas de Orlando Ribeiro nos legaram em termos de conhecimento das cidades. Este enunciado faz parte de um trabalho em curso e tem, por isso, um carácter provisório não havendo qualquer hierarquia de importância entre os vários pontos.

1. Imagens vivas e rigorosas das cidades antes do surto de urbanização de meados do século XX, que nalgumas aglomerações ocorreu já em simultâneo com as transformações do último quartel desse século, e que alterou profundamente as paisagens urbanas. Assistiu-se, a fortes movimentos populacionais em direcção às cidades do litoral, ao alastrar das superfícies construídas com o desenvolvimento de extensas periferias, ao mesmo tempo que a reconfiguração no padrão de distribuição das famílias levou ao esvaziamento da cidade-centro; houve alterações nos padrões de mobilidade, com o aumento da dependência do automóvel individual nas deslocações quotidianas, a profundas mudanças nos usos do solo fruto de processos sucessivos de industrialização, desconcentração metropolitana e desindustrialização com a produção de extensas áreas abandonadas, depois reconvertidas para novas actividades que combinam, com frequência, serviços, habitação e actividades de lazer. Alteraram-se os estilos de vida com o avanço da sociedade de consumo, surgiram novas necessidades

e novas respostas. Cresceram as desigualdades e as fragmentações socioespaciais.

2. Narrativa histórica na caracterização morfológica das fases de urbanização, portuguesa, com destaque para os períodos romano, muçulmano e as 'duas épocas de prosperidade', a primeira associada às especiarias do Oriente e a segunda ao ouro e diamantes do Brasil. "Aquela corresponde ao manuelino e ao início do neoclássico, esta ao Barroco" (106).

Dá para pensar se a terceira não foi a dos Fundos Comunitários traduzida em auto-estradas, viadutos e rotundas de circulação, por sua vez indutoras de periurbanização e ocupação mais dispersa do território, acompanhadas por vagas de investimento estrangeiro no imobiliário; em 1986, depois da adesão à actual União Europeia, principalmente no chamado imobiliário comercial e desde 2013 no mercado de alojamento e no turismo, ambas com forte caracter especulativo e graves repercussões sociais.

3. Identificação dos elementos da morfologia que contribuem para a diferenciação da cidade portuguesa da espanhola, elementos que integram um modelo que os portugueses implantaram em todo o mundo onde as grandes navegações os levaram, e os espanhóis na América do Sul. Este modelo é caracterizado por malhas pouco regulares, praças múltiplas, existência em quase todas de uma rua *Direita*, dualidade de sítios entre uma parte alta e uma baixa ou ribeira, junto do porto.

4. Condicionantes de alguns sítios ao desenvolvimento posterior das urbes. Orlando Ribeiro fala mesmo de "espaço constrangido" (260, 526) para se referir aos problemas que os sítios alcandorados ou as encostas íngremes colocaram às cidades quando os transportes motorizados passaram a ter preponderância. A própria expansão do centro terciário de Lisboa para o planalto das 'Avenidas Novas', desde 1970, deriva em parte dos constrangimentos físicos à expansão da Baixa. Na outra parte decorre de condicionantes patrimoniais e urbanísticos.

Por tudo isso se pode dizer, com S. Daveau (1989,882) que, com Orlando Ribeiro, "as características gerais das cidades e do sistema urbano fossem de há muito registadas".

(Comunicação apresentada à Classe de Letras
na sessão de 10 de novembro de 2011)

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Ilídio – *Luanda. Estudo de Geografia Urbana*. Luanda, Ed. Kilombelombe, 2015 (edição fac-similada do volume de 1968, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar).

BARATA-SALGUEIRO, Teresa – "A Geografia Urbana através dos manuais". *Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia,* 20 (39), 1985, pp. 109-133 e 20(40), 1985, pp. 276-300.

BARATA-SALGUEIRO, Teresa – *A Cidade em Portugal. Uma Geografia Urbana*. Porto, Afrontamento, 1992.

CHABOT, Georges – *Les Villes. Aperçu de Géographie Humaine*. Paris, A. Colin, 1948.

DAVEAU, Suzanne – Comentários e actualização ao cap. IX de O. Ribeiro, H. Lautensach, *Geografia de Portugal*. *Organização, comentários e actualização por S. Daveau*, vol. III. O Povo Português. Lisboa, João Sá da Costa, 1989, pp. 877-918.

GARCIA, João C. – "As cidades na obra de Orlando Ribeiro". *Penélope. Fazer e Desfazer a História*. Lisboa, 7, 1992, pp. 107-114.

GASPAR, J.; FERRÃO, J. – "As Cidades Portuguesas e a Geografia Urbana na Universidade de Lisboa". I Colóquio Ibérico de Geografia. Salamanca, em AA.VV. 1980. *Quatro Ensaios sobre a Geografia em Portugal*. Lisboa, CEG da Universidade de Lisboa, Estudos para O Planeamento Regional e Urbano, 1979, pp. 15-42 (policopiado).

GEORGE, Pierre – *La ville. Le fait urbain a travers le monde*. Paris, Presses Universitaires de France, 1952.

GIRÃO, A. de Amorim – *Viseu. Estudo de uma aglomeração urbana*. Coimbra, edição do autor, 1925.

LAVEDAN, Pierre – *Géographie des Villes*. Paris, Gallimard, 1936.

MUMFORD, Lewis – *The City in History. Its Origins, its Transformations and its Prospects*. Nova Iorque, Harbinger, 1961.

OLIVEIRA, J.M. Pereira – Da evolução dos estudos geográficos na Universidade de Coimbra" em A.Campar de Almeida e outros, coords., *Fragmentos de um retrato inacabado. A Geografia de Coimbra e as metamorfoses de um país*. Coimbra, Universidade de Coimbra, 2003, pp. 23-31.

REBELO, Fernando – "A investigação Geográfica em Coimbra", em A. Campar de Almeida e outros, coords., *Fragmentos de um retrato inacabado. A Geografia de Coimbra e as metamorfoses de um país*. Coimbra, Universidade de Coimbra, 2003, pp. 33- 41.

RIBEIRO, Orlando – *Variações sobre Temas de Ciência*. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1970.

RIBEIRO, Orlando – "Região e rede urbana: formas tradicionais e estruturas novas", *Opúsculos Geográficos, Vol I Síntese e Método*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1979, pp. 379-389 (1.ª publicação em 1968).

Artigos de Orlando Ribeiro citados no texto e publicados em:

RIBEIRO, Orlando – *Opúsculos Geográficos, vol V. Temas Urbanos*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

"Le site et la croisance de Lisbonne", pp. 29-37 (1.ª publicação de 1938, revista e ampliada).

"Evolução e perspectiva dos estudos olisiponenses", pp. 39-52 (1.ª publicação, 1946).
"Em torno da estrutura de Lisboa", pp. 65-69 (1.ª publicação 1955, revista e ampliada).
"Lisboa, génese de uma capital", pp. 71-102 (inédito).
"Lisboa, a cidade e a região", pp.103-109 (texto preparado para o Plano Director da região de Lisboa, 1964).
"Proémio metodológico ao estudo das pequenas cidades portuguesas", pp. 169-178 (1.ª publicação 1969).
"A Rua Direita de Viseu", pp. 193-210 (1.ª publicação, 1968).
"Achegas para a Geografia Urbana de Viseu", pp. 235-251 (inédito).
"As cidades da Beira interior", pp. 253-250 (inédito).
"Évora. Sítio, origem, evolução e função de uma cidade", pp. 315-337 (1.ª publicação, 1986).
"Elementos estruturantes das cidades ibéricas", pp. 369-388 (inédito).
"A cidade Ibérica no mundo. Achegas para um estudo comparativo", pp. 499-524 (inédito).
"As cidades Ibéricas tradicionais e a sua expansão no mundo", pp. 525-530 (versão em espanhol em 1981).